

Natália de Campos Tamura

(FCL)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6548-0124>.

E-mail: nataliade-campos@gmail.com

Reflexões sobre o uso dos termos Sustentabilidade e ESG em relatórios anuais e a efetividade da tratativa da Agenda 2030 neles

Reflections on the use of the terms Sustainability and ESG in annual reports and the effectiveness of the 2030 Agenda in them

Reflexiones sobre el uso de los términos Sostenibilidad y ESG en los informes anuales y la eficacia de la Agenda 2030 en ellos

RESUMO

Este artigo discute sobre o uso dos termos Sustentabilidade e ESG em relatórios anuais, avaliando a maneira como a Agenda 2030 é retratada em âmbito organizacional. Para isso, remonta o conceito dos termos trazendo à tona diferentes interpretações, conforme o recorte histórico. Em seguida, por meio da análise de conteúdo de quatro relatórios empresariais, contabiliza a quantidade e a significância das informações referenciadas sobre cada termo, analisando os equívocos dos relatórios de Sustentabilidade e ESG em relação ao uso dos termos, bem como a imprecisão das organizações em relação a fatos constatáveis ao abordarem sua adesão a Agenda 2030.

Palavras-chave: Comunicação, Sustentabilidade, ESG, Agenda 2030, relatórios anuais.

ABSTRACT

This article discusses the use of the terms Sustainability and ESG in annual reports, as well as the way in which the 2030 Agenda is portrayed at an organizational level. To do this, the concept of terms is reassembled, bringing to light different interpretations, depending on the historical context. Then, through content analysis of four business reports, it counts the quantity and significance of information referenced about each term, analyzing the mistakes in Sustainability and ESG reports regarding the use of terms, as well as the inaccuracy of organizations in relation to verifiable facts when addressing their adherence to the 2030 Agenda.

Keywords: Communication, Sustainability, ESG, 2030 Agenda, annual reports.

RESUMEN

Este artículo analiza el uso de los términos Sostenibilidad y ESG en los informes anuales, así como la forma en que se presenta la Agenda 2030 a nivel organizacional. Para ello, se retoma el concepto de términos, sacando a la luz diferentes interpretaciones, según el contexto histórico. Luego, a través del análisis de contenido de cuatro informes empresariales, cuenta la cantidad y significado de la información referenciada sobre cada término, analizando los errores en los informes de Sostenibilidad y ESG en cuanto al uso de los términos, así como la inexactitud de las organizaciones en relación a hechos verificables. a la hora de abordar su adhesión a la Agenda 2030.

Palabras clave: Comunicación, Sostenibilidad, ESG, Agenda 2030, informes anuales.

Submissão: 11-8-2022

Decisão editorial: 9-2-2024

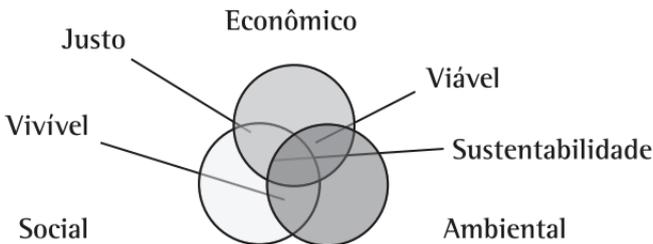
Um olhar apreciativo sobre a definição dos termos Sustentabilidade e ESG

O termo Sustentabilidade foi oficialmente apresentado na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1988. Definido como “a capacidade de satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades” (COMISSÃO..., 1988, p. 9), foi um importante convite aos países que participaram da conferência para criação de soluções, especialmente para a questão ambiental. O objetivo da Comissão Brundtland, ao divulgar este conceito, foi propor uma agenda global, com propósitos de conduzir a humanidade frente aos principais problemas ambientais do planeta e ao progresso, sem comprometer os recursos futuros.

No entanto, a definição foi considerada imprecisa e vaga, como alerta Rodriguez, Ricart e Sanchez (2002), ao argumentarem que, embora a grande maioria das empresas apresente uma visão de sustentabilidade, boa parte delas ainda estava voltada, quase que exclusivamente para a questão econômica. Nos anos 90, segundo Layrargues (1997), a questão ambiental só ganhava força quando se

apresentava como um problema impeditivo no meio produtivo.

Ainda em meados dos anos 90, John Elkington (1994) desenvolve o conceito do Triple Bottom Line (TBL) ganhando destaque nas discussões devido ao fato de criar um modelo que balizaria as discussões sobre o tema. Conhecido por 3P (People, Planet e Profit), na língua inglesa e PPL (Pessoas, Planeta e Lucro), em português, o conceito inspirou diversas organizações a comunicarem seus desempenhos econômico, ambiental e social e suas inter-relações (ISENMANN; BEY; WELTER, 2007), tomando por base o econômico, como um pilar de criação de empreendimentos viáveis, atraentes para os investidores; o ambiental, como análise da interação de processos com o meio ambiente e danos permanentes; e o social, como o estabelecimento de ações justas para trabalhadores, parceiros e a sociedade. Juntos, os pilares se relacionam de tal forma que a interseção entre dois deles resulta em viável, justo e vivível, e dos três, resultaria no alcance da sustentabilidade (ALLEDI FILHO et al, 2003, p.12), conforme mostrado abaixo:



Sustentabilidade e as suas dimensões.

Adaptado de Alledi Filho et al (2003, p.12)

Em junho de 2018, John Elkington anunciou o que se chama do primeiro produto *recall* do mundo. O autor do conceito que havia conquistado o mercado corporativo, comunicou que o termo já não vazia sentido, depois de 24 anos, dada a realidade do mercado e do mundo. A obra *Cisnes Verdes: A Crescente Onda do Capitalismo Regenerativo* (em tradução livre), de Elkington (2020), estabelece, a partir de então, uma visão convincente sobre uma economia verdadeiramente responsável, resiliente e regenerativa e, portanto, sustentável. A proposta, segundo o autor, tem o potencial de evoluir para um sistema operacional global para negócios, mercados e, eventualmente, cidades e governos (ELKINGTON, 2020). Nas suas palavras,

Um Cisne Verde é uma profunda mudança de mercado, geralmente catalisada por alguma combinação de desafios do Cisne Negro ou Cinza e mudança de paradigmas, valores, modelos mentais, políticas, tecnologias, modelos de negócios e outros fatores-chave. Um Cisne Verde oferece progresso exponencial na forma de criação de riqueza econômica, social e ambiental. Na pior das hipóteses, atinge esse resultado em duas dimensões, mantendo a terceira estável. Pode haver um período de ajuste em que uma ou mais dimensões tenham um desempenho inferior, mas o objetivo é uma inovação integrada nas três dimensões (ELKINGTON, 2020, em tradução livre dessa autora).

Mas, antes que o conceito do Tripé da Sustentabilidade sofresse tal resignificação, em 2004, durante um encontro entre 50 CEOs de grandes instituições financeiras, cujo objetivo era discutir como integrar fatores sociais, ambientais e de governança no mercado de capitais, provocadas pelo então secretário-geral da

ONU, Kofi Annan, surge a expressão ESG, sigla em inglês para Environmental, Social e Governance (em tradução livre ambiental, social e governança). O encontro gerou uma publicação da ONU em parceria com o Banco Mundial, chamada Who Cares Wins – Connecting Financial Markets to a Changing World (Quem se Importar Vence – Conectando o Mercado Financeiro para Mudar o Mundo, em tradução livre), com a proposta de uma nova forma de investidores e instituições financeiras avaliarem as empresas na hora de investir. Na prática, foi a sugestão de uma nova cartilha de regras e recomendações para que as questões relacionadas à ESG fossem levadas em conta.

Após anos rondando as pautas de investidores, mas sem grande relevância para a vida real, a sigla ganhou a atenção da sociedade em agosto de 2019, quando uma Távola Redonda de presidentes de expressivas corporações, adotou formalmente a ideia de que as companhias precisavam olhar além de si e do próprio balanço. Nesse encontro, 181 CEOs assinaram uma Declaração de Propósito em que se comprometeram a liderar suas empresas priorizando o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade social corporativa. Na lista de signatários: Tim Cook, da Apple, Jamie Dimon, da JP Morgan, Alex Gorsky, da Johnson & Johnson, e Larry Fink, da BlackRock.

Barbieri e Cajazeira (2016) apontam que as chamadas práticas de Responsabilidade Social Empresarial e Sustentabilidade se tornaram cada vez mais um indicativo diferencial e competitivo dentro do mercado e como forma de apresentar o desempenho das empresas em ESG, as grandes instituições internacionais passaram a recomendar fortemente a elaboração de relatórios de sustentabilidade que,

juntamente com os relatórios financeiros passem a ser o diálogo das organizações diante do mercado mundial. Segundo os autores, apesar da distinção existente entre os movimentos sociais de Responsabilidade Social Empresarial e Desenvolvimento Sustentável ou a Sustentabilidade, ambos se convergem na busca por soluções para os atuais problemas globais.

Já Martins (2022) realizou um recente estudo avaliando a relação entre a divulgação das práticas ESG de algumas empresas brasileiras de capital aberto e o seu respectivo valor de mercado, ao longo do período de 2012 a 2020. A autora diz que a realização de testes estatísticos mostrou que, no Brasil, até 2020, ainda não existia uma significativa relação entre os fatores ESG e o valor de mercado das empresas, porém, evidenciou que até o ano de 2015 a relação constatada era negativa, ou seja, empresas que demonstravam preocupação com questões sociais e ambientais tinham uma repercussão negativa perante o valor de mercado, enquanto nos últimos anos, observou-se uma relação sem grande representatividade, com isso, a expectativa é que nos próximos anos possa haver resultados positivos na comparação.

Este artigo, no entanto, não se propõe a estudar a sustentabilidade nos modos de produção, mas sim, traz a tona a crítica sobre como as organizações tratam as dimensões de Sustentabilidade, ESG e Agenda 2030 em seus relatórios públicos. Começamos as evidências, notando que o uso da sigla ESG, pela grande maioria das organizações, substitui o termo Sustentabilidade, como se as empresas atualizassem o conceito para um modelo mais contemporâneo, com nova roupagem.

Na prática, ESG significa um conjunto de fatores e critérios que tornam um investimento mais sustentável no sentido de valorizar questões ambientais, sociais e de governança corporativa. É uma estratégia em que o lucro ainda é o objetivo, ainda que a maneira de o conseguir seja diferente: realoca-se o dinheiro para projetos que objetivam um mundo mais justo e igualitário e que tenha maior responsabilidade no uso de recursos naturais e preservação do meio ambiente. Portanto, práticas ESG passaram, conforme Costa e Ferezin (2021), a ter impacto direto na imagem das organizações perante a sociedade e, especialmente, nas avaliações de desempenho diante do mercado, sobretudo após a consolidação dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentáveis, que veremos a seguir.

Um olhar apreciativo sobre a construção histórica da Agenda 2030

As primeiras discussões sobre o que viria a se tornar os ODM ou Objetivos de Desenvolvimento Mundial, surgiram especialmente a partir do diálogo de duas instituições – ONU (Organização das Nações Unidas) e OECD (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) no pós-Guerra Fria. Portanto, muito antes de utilizarmos os termos Sustentabilidade ou ESG nas organizações, já tínhamos uma agenda mundial de necessidades em estabelecimento. No entanto, o estímulo das grandes organizações internacionais para que as empresas adotem práticas sustentáveis que estejam alinhadas com o compromisso da Agenda 2030 e com os 17 ODS alavancou o termo ESG no cenário empresarial (PAMPANELLI; TRIVEDI; FOUND, 2015).

No período da Guerra Fria os países que disputavam a hegemonia política e econômica mundial tinham o interesse de atrair países em desenvolvimento para um dos dois lados. Na década de oitenta, segundo Hulme (2010), a ajuda aos países pobres perde importância, pois acreditava-se que políticas de liberalização seriam suficientes para levar esses países ao desenvolvimento, mas, com o fim da Guerra Fria, então em 1989, as agências oficiais de assistência ao desenvolvimento tiveram expressivos cortes no orçamento (Hulme 2010).

A União Europeia, durante a década de 90, monta um grupo de trabalho com objetivo de avaliar tanto o futuro da ajuda ao desenvolvimento quanto o papel dos Comitês que o fariam. Essas discussões levaram, em 1996, a elaboração do documento *"Shaping the 21st Century: The Contribution of Development Co-operation"* (OECD, 1996) que fixava objetivos e metas (a maioria para 2015) divididos em três áreas: bem-estar econômico, desenvolvimento social e sustentabilidade ambiental e regeneração. A redação de algumas metas seria futuramente aproveitada, quase literalmente, nos ODM.

Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) surgem no documento *"Road Map towards the implementation of the United Nations Millennium Declaration"* aprovado pela Assembleia das Nações Unidas, em 2001. No ano anterior, 147 chefes de estado e de governo, representando 189 países, entre eles o Brasil, haviam se reunido na Cúpula do Milênio, da ONU, em Nova York, e se compromissado com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio até 2015 por meio de ações específicas de combate à fome e à pobreza, associadas à implementação de políti-

cas de saúde, saneamento, educação, habitação, promoção da igualdade de gênero e meio ambiente entre outras.

A primeira problemática na definição dessa proposta é que os países em desenvolvimento, ou seja, aqueles especialmente para quem a agenda foi idealizada não foram envolvidos nas discussões e no processo de aprovação, assim como também não protestaram contra isso. Segundo Carvalho e Barcellos (2015), a rigor, não se pode dizer que os ODM foram impostos a esses países, pois tudo foi aprovado em assembleias da ONU. Mas os países em desenvolvimento aprovaram algo que praticamente não foi discutido com eles e esse é um ponto que a literatura sobre o tema não discute as razões.

Foram oito os objetivos do milênio criados (conforme imagem abaixo), subdivididos em 21 metas e 60 indicadores. Se comprometeram com os ODM 189 países-membros da ONU e 23 organizações internacionais.



Figura 1. Os Objetivos de Desenvolvimento Mundial

Fonte: UN System Task Team (2012)

Com a divulgação dos ODM se “definiu pela primeira vez um conjunto integrado de metas quantitativas com prazos especificados numa tentativa de

dar sentido operacional para algumas das dimensões básicas do desenvolvimento humano” (UM Task team, 2012). E foi a partir dessa iniciativa que muitos países em desenvolvimento desenharam estratégias nacionais de desenvolvimento explicitamente orientadas para atingir as metas estabelecidas pelos ODM e colocaram tais objetivos entre suas prioridades nacionais. Os ODM também fortaleceram a capacidade de produção de estatísticas dos países em desenvolvimento apoiados pelos países que as idealizaram.

Em 2015, ano em que se encerra a data de cumprimento dos ODM, a ONU entende que se faz necessária uma nova versão de agenda mundial, agora não apenas voltada aos países em desenvolvimento, mas que convocasse todos os países, organizações e a sociedade a movimentos em prol do desenvolvimento comum. Os desafios da nova agenda deixam de ser específicos, passando a uma proposta integrada traduzida por 17 objetivos, 169 metas e 231 indicadores. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) passaram a vigorar em 1º de janeiro de 2016 e tem-se como proposta que sejam cumpridos até 31 de dezembro de 2030, por isso, Agenda 2030.



Figura 2. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

FONTE: UN System Task Team(2012)

O relatório de 2020 (The Sustainable Development Goals Report, 2020) sobre como estamos em relação ao cumprimento da Agenda 2030 mostra, por meio de dados, o quanto estamos aquém dos resultados esperados. É preciso considerar que, em 2020, enfrentamos uma ameaça sem precedentes: a pandemia

do Covid-19. Isso trouxe desafios ainda maiores para os países, pois a pandemia gerou crises que foram além da saúde, causando impactos severos econômicos, sociais e educacionais.

Passados sete anos do lançamento da proposta, a Rede Brasil do Pacto Global, braço das Nações Unidas, lançou em maio de 2022 a iniciativa Ambição 2030, um convite enfático para o setor privado se envolver e se responsabilizar pelo cumprimento de tal agenda. Contando com a participação de mais de 200 CEOs, acionistas e investidores a organização das Nações Unidas apresentou os sete grandes movimentos que pretendem acelerar o cumprimento da Agenda 2030: *Mente em Foco*; *Elas Lideram 2030*; *+Água*; *Salário Digno*; *Raça é Prioridade*; *Ambição Net Zero*, e; *Transparência 100%* (REDE BRASIL, 2022).

O que nos propomos a discutir nesse artigo é o fato de que ainda que os termos *Sustentabilidade* e *ESG* estejam próximos, não significam exatamente a mesma coisa, uma vez que *ESG* é o critério que guia investimentos com foco em sustentabilidade. Portanto, é um vocabulário específico para acionistas e investidores, ou seja, um olhar do setor financeiro sobre as questões de sustentabilidade, dissociação que entendemos que muitas organizações que se utilizam dos termos não têm. Nesse sentido, sem uma interpretação clara das nuances de cada termo, estariam comunicando seus posicionamentos de maneira clara e efetiva? Outra questão é se as empresas comunicam a Agenda 2030 em seus relatórios anuais a partir de dados verificáveis ou apenas utilizando-se do termo de maneira abrangente e vaga? A sigla *ESG* é tratada como sinônima de *Sustentabilidade* sem necessariamente ter como destino públicos específi-

cos? Estariam seus relatórios anuais construídos para dialogar com públicos singulares como investidores e acionistas ou apenas fazem menção a eles?

São discussões como essas que buscamos suscitar, ainda que limitadamente, abaixo, depois de analisar quatro relatórios anuais corporativos publicados em 2022.

Um olhar crítico sobre a divulgação da Agenda 2030 em relatórios de Sustentabilidade

Foi realizada, por essa pesquisadora, uma análise de conteúdo comparativa de quatro relatórios anuais corporativos de 2022 de empresas de atividades diversas. A análise de conteúdo (BARDIN, 1977) compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados. A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas.

Entre as duas funções da técnica de análise de conteúdo, conforme Minayo (2001), entendidas como verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado, entendemos que essa breve pesquisa buscou especialmente compreender o que está para além da redação dos relatórios, atentando-se ao propósito de

investigar como cada organização narra sua postura em relação à Sustentabilidade e seu apoio no cumprimento da Agenda 2030.

Foram analisados os relatórios publicados em 2022 da Natura&Co, empresa da indústria da beleza há 53 anos, que opera em mais de 100 países, conta com mais de 3.700 lojas, 35.000 funcionários e, até dez de 2021, contava com 7,7 milhões de Representantes e Consultoras; da Gol, empresa de transporte aéreo há 21 anos, com mais de 15 mil colaboradores, 133.885 voos realizados e cerca de 20 mil passageiros transportados ao longo de 2021; Neoenergia, companhia que atua há 24 anos nos segmentos de redes (distribuição e transmissão), renováveis (geração eólica, hidrelétrica e solar) e liberalizados (geração térmica e comercialização de energia), que, em 2021 contou com 15.058 colaboradores próprios, 27.993 contratados de terceiros e 564 estagiários, e; Danone, empresa alimentícia com mais de 50 anos que conta com mais de 400 produtos entre lácteos e bebidas à base vegetal, nutrição especializada e águas e 4000 funcionários.

Abaixo um compilado das principais evidências percebidas durante a análise de conteúdo. Não nos coube fazer qualquer juízo de valor em relação a veracidade das informações relatadas, nem as checar em relação à prática das empresas. Coube-nos apenas analisar o uso das palavras em relação aos assuntos ao qual se referem, ou seja, se quando utilizam os termos Sustentabilidade, ESG ou Agenda 2030 o fazem de maneira vaga e aberta a várias interpretações ou se as traduzem a partir de evidências, números, dados e metas comprováveis relacionadas ao negócio da empresa.

Observamos também se os relatórios expõem, com detalhamento, sua matriz de materialidade ou seus temas materiais. Em sustentabilidade, a materialidade é o limiar a partir do qual alguns temas tornam-se suficientemente expressivos nos seus negócios para serem relatados e especificados a partir de ações contínuas e investimento frequente. No entanto, nem todos os aspectos materiais têm a mesma importância, uma vez que cada um deles reflete sua prioridade relativa.

A seguir, explicitamos, à esquerda da tabela, os elementos contabilizados dos 4 relatórios analisados.

Tabela de comparação entre as organizações analisadas

	NATURA&CO	GOL	NEOENERGIA	DANONE
NOME DADO AO RELATÓRIO	RELATÓRIO ANUAL	DESTAQUES ESG	RELATÓRIO ANUAL	RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE
NÚMERO DE PÁGINAS	66	35 (VERSÃO RESUMIDA)	153	35
CITAÇÃO DA PALAVRA SUSTENTABILIDADE E/OU SUAS VARIAÇÕES	64	31	155	50
CITAÇÃO DA SIGLA ESG	01	22	23	0
CITAÇÃO DA AGENDA 2030	0	0	01	02 (agenda de desenvolvimento sustentável da ONU)
USO DA IMAGEM DOS ODS	NÃO	NÃO	SIM	SIM
TEMAS MATERIAIS ASSOCIADOS AOS ODS	NÃO HÁ MATERIALIDADE EXPOSTA	NÃO	SIM	NÃO HÁ MATERIALIDADE EXPOSTA
CITAÇÃO DE METAS PARA 2030	35	02	19	03
CITAÇÃO DOS ODS AO LONGO DO TEXTO	03	0	378	02
SUMÁRIO COM ODS DESTACADOS	SEM SUMÁRIO	SEM SUMÁRIO	SIM	SEM SUMÁRIO

Fonte: produzido por essa pesquisadora

Como constatações tidas após a leitura e análise de cada relatório, verificamos que a palavra sustentabilidade é citada 42 vezes, 18 vezes são citados o termo sustentável e outras 4 vezes a palavra sustentáveis, totalizando 64 citações em 66 páginas de relatório – quase uma menção por página. Bastante utilizada, a palavra está normalmente atrelada ao compromisso assumido como organização responsável, vindo acompanhada de dados factíveis sobre o que a empresa entende por Sustentabilidade. Os usos mais comuns estão associados, nesse sentido, a sua visão de Sustentabilidade, metas de sustentabilidade, práticas de negócios sustentáveis, bem como a citação de alguns dados financeiros divulgados como seu 17º ano consecutivo, listada pela B3 no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e oitava inclusão no Índice Dow Jones de Sustentabilidade. E há dados precisos que corroborem com as alusões, tais como arrecadação de fundos internacional de US\$ 1 bilhão em títulos vinculados a metas de sustentabilidade, 50% de mulheres em cargos de liderança ou no conselho, dados da rastreabilidade da cadeia de suprimentos por recurso utilizado, como óleo de mica, palma, papel e álcool.

Outra utilização muito comum no relatório está no que ela denomina “apêndice de sustentabilidade” e “Sustentabilidade em números”, páginas em que a empresa expõe diversos dados (da página 44 a 56), tais como direitos humanos e sua cadeia de suprimentos, Circularidade Integral das Embalagens, além de impactos sociais, ambientais e econômicos.

A sigla ESG, por sua vez, citada apenas uma vez no relatório da Natura&Co, explica sua classificação como única empresa listada na América Latina AA+

pela MSCI, empresa financeira de classificação ESG. Mas, ainda que faça apenas essa referência a sigla, a empresa cita 4 vezes o público acionista e 4 vezes o público investidor.

Além disso, ainda que a empresa não comente a Agenda 2030 ou faça uso das imagens dos ODS, são citadas no seu relatório 35 menções a metas que preveem ser cumpridas até 2030, tais como a contribuição para a preservação de 3 milhões de hectares, adotar totalmente a circularidade e a regeneração em todo o grupo e atingir 100% da biodegradabilidade de suas fórmulas.

Tratando-se da Gol, a empresa dá nome ao seu relatório como Destaques ESG. Ao explicar tal disposição, a empresa diz sobre sua busca em “posicionar seu negócio em um patamar ainda mais elevado de sustentabilidade, de forma que suas competências e capacidades potencializem seus impactos positivos para Todos: Clientes, Investidores, Colaboradores sociedade e o meio ambiente”. Também é exposto sobre sua intenção de um Modelo de Gestão Estratégica ESG que envolve a definição de objetivos, eixos de atuação, metas, planos de ação com indicação de prioridades, indicadores-chave para monitoramento e características de governança, orientando a sua visão de futuro na perspectiva ESG.

São citadas 22 vezes a palavra ESG, mas, ainda que faça menção 4 vezes aos seus acionistas e 7 vezes aos seus investidores, são poucos os dados numéricos relacionados à sigla. Destacamos aqui sua referência em ser a primeira companhia aérea da América Latina a definir publicamente a meta de zerar emissões líquidas de CO₂ até 2050 (onde a empresa divulga dados de mudança da sua frota), além da inauguração da

plataforma de compensação de emissões de CO₂ das viagens aéreas e das duas rotas carbono neutro para destinos de ecoturismo. A empresa também celebra o primeiro ano da sua universidade corporativa e sua sexta recertificação do programa de Auditoria de Segurança Operacional (IOSA).

São mencionadas 19 vezes a palavra sustentabilidade, 9 vezes como sustentável e 3 vezes como sustentáveis, totalizando 31 menções em 35 páginas de relatório. Nove dessas referências dão nome a tabela na qual nomeiam “Métricas contábeis e de sustentabilidade”, mas que não necessariamente dizem sobre dados sustentáveis. Em uma das tabelas há inclusive a citação do aumento de emissões de CO₂ (Emissões globais brutas do Escopo 1), sem a especificação detalhada sobre o que foi feito para neutralizar tal aumento. O relatório também não cita a Agenda 2030 ou faz qualquer menção sobre os ODS. No entanto, cabe ressaltar que a empresa anuncia no relatório que, ainda no primeiro semestre, deverá haver a divulgação de um relatório mais detalhado sobre suas atividades.

A Neoenergia, por sua vez, cita 155 vezes a palavra sustentabilidade em 153 páginas de relatório, a partir das variações sustentável, 75 vezes, sustentabilidade, 65 vezes e sustentáveis, 15 vezes. Somente a fala do CEO da companhia cita 11 vezes as variações da palavra. Suas referências ao vocábulo costumam vir associadas de evidências que condizem com a aplicação da Sustentabilidade na prática, tais como, a eletrificação de fontes renováveis no epicentro da descarbonização, práticas energéticas sustentáveis de modo a equilibrar as emissões de gases de efeito estufa (GEE), Vale Luz (programa que concede descontos

nas faturas de energia em troca da entrega de resíduos recicláveis) ou Neoenergia Solar (distribuidoras oferecem 50% de desconto na compra de painéis solares a clientes residenciais interessados em gerar parte da própria energia). Além disso, a palavra dá nome a alguns dos seus processos, tais como Sistema de Governança e Sustentabilidade, Política Geral de Desenvolvimento Sustentável da Neoenergia, Política de Gestão Sustentável, Comitê de Sustentabilidade, Superintendência de Inovação e Sustentabilidade, Programa Energia Sustentável Noronha.

A aparição massiva do termo também está associada as suas certificações, tais como fazer parte da 17ª carteira do ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial); integrar pelo 2º ano consecutivo o índice *FTSE4Good Index Series*, aferido pela *Financial Times Stock Exchange (FTSE) Russell*, divisão da Bolsa de Valores de Londres; conquistar o score A- no caderno de mudanças climáticas do CDP (*Carbon Disclosure Project*) e; ser mencionada no anuário da *Sustainability Yearbook*. Mas, ainda que a palavra esteja associada aos exemplos comentados, mais da metade das referências são citadas apenas como alusão a processos responsáveis, sem necessariamente vir acompanhado de evidências.

A sigla ESG, utilizada 23 vezes, em geral, contempla resultados nas dimensões financeiras e não financeiras, fazendo referência ao seu monitoramento da cadeia de valor, a sua dívida verde, seu caderno de indicadores voltado ao público acionário e sua visão de futuro. Além disso, há 25 referências aos seus acionistas e 9 aos seus investidores, em geral, associadas a sigla ESG.

A Neoenergia cita apenas uma vez a Agenda 2030 e outras duas vezes se refere a uma agenda de sustentabilidade e uma agenda sustentável. Não obstante, são citadas 13 vezes a expressão Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), associando-os a dados numéricos, tais como valores e doações destinados a comunidades locais, contratação de mulheres eletricistas em dois anos, gestão sustentável da água e informações relacionadas ao voluntariado, por exemplo.

Por fim, em relação ao relatório de Sustentabilidade da Danone, são citadas 50 referências a palavra Sustentabilidade, sendo 18 vezes o próprio termo, 19 vezes a palavra sustentável e 13 vezes seu plural, em 35 páginas de relato. Há dados explicitados no relatório que façam menção ao uso abundante da palavra sustentabilidade como, por exemplo, que 70% da sua base de fornecedores de leite, principal matéria-prima da companhia, é composta por pequenos produtores. Também é informado que há 12 programas de desenvolvimento para o pequeno produtor. Somamos a isso a menção da sua tripla certificação ambiental, segundo parâmetros da globais da Carbon Trust, nas áreas de carbono, água e resíduos na fábrica de Poços de Caldas (MG).

No entanto, nem sempre a palavra sustentabilidade e suas variações vêm acompanhadas de dados específicos que consigam autenticar as informações relatadas. A Danone informa, por exemplo, sobre suas iniciativas na agricultura regenerativa, mas ao falar sobre a capacitação dos produtores, não diz quantos são formados, cita sobre suas iniciativas em práticas agrícolas sustentáveis, mas não informa especificamente quantos recursos naturais são protegidos. Ao

citar o projeto Kiteiras, um canal de vendas porta a porta com foco em desenvolvimento de empreendedorismo e empoderamento de pessoas de comunidades em situação de vulnerabilidade, não diz quantas pessoas participaram ou foram capacitadas no projeto.

A sigla ESG não é citada em seu relatório, bem como não há menção aos públicos acionistas e investidores. Em relação a Agenda 2030, há não somente duas menções, como o uso da imagem dos 17 ODS, ainda que não se destaque ao longo do relatório a analogia entre suas ações e a agenda global. Quando citadas metas para 2030, fala-se da redução do uso de plásticos virgens para versões recicladas de PET, uso de 100% de energia renovável, diminuição de emissões de CO₂ (escopo 1 e 2) e redução do uso de água nas suas plantas.

Considerações Finais

A Sustentabilidade está no modo de agir de uma organização. Ela é mais ou menos sustentável de acordo com a maneira como faz uso dos recursos naturais, a responsabilidade que assume com os resíduos gerados na produção dos seus produtos, como trata sua cadeia de fornecimento (sem trabalho escravo ou infantil envolvida), o modo como faz uso das leis de incentivo fiscal no apoio ao desenvolvimento de entornos e a tratativa do seu ambiente organizacional de modo ético e justo, são todos exemplos. Comunicar que uma organização adota critérios ESG é destacar tais práticas para o mercado financeiro, seus investidores e acionistas.

Mas, tanto em um caso como no outro, são precisos dados comprováveis de tais atitudes e proce-

dimentos. Dados quantitativos e qualitativos, que podem ser checados em qualquer ambiente e esfera da organização: legal, contábil, gerencial e jurídico das próprias empresas e às regulamentações do mercado.

Quando uma organização adota tanto a Sustentabilidade, quanto o ESG em sua estrutura, a comunicação deve traduzi-los em números, dados constatáveis, evidências, em valor agregado e especialmente em impactos e repercussões de longo, médio e curto alcance, especialmente em seus relatórios anuais, cujos nomes variam. Além disso, não são o número de páginas de suas publicações ou na quantidade de vezes que as palavras Sustentabilidade ou ESG são citadas em seus relatórios, mas na qualidade de informações precisas e verificáveis que trazem conectadas entre si.

O que notamos na pesquisa de conteúdo realizada entre os relatórios analisados é que quando as menções aos termos não são precisas, acompanhados de dados objetivos, não se traduz a dimensão fidedigna das ações que as organizações realizam e seus investimentos para dar-lhes forma ou, também pode ser interpretado, como uma superestimação da temática em sua prática.

Além disso, notamos o uso dos termos Sustentabilidade e ESG como idênticos em duas das empresas que citam mais de uma vez a sigla ESG – Neoenergia e Gol. Ainda que dialoguem com acionistas e investidores ao longo do seu relatório, a utilização dos termos se dá como sinônimos, não contribuindo com qualquer interação específica.

A exposição da Agenda 2030 pelas organizações, quando bem feita, colabora exponencialmente para traduzir esforços em pequeno âmbito (quando pen-

sado a partir apenas da realidade daquela organização), mas com reflexos e resultados globais. No entanto, o que notamos nos relatórios analisados, é que há o uso indiscriminado das palavras sustentabilidade e ESG quando se referem a Agenda 2030, mas isso não torna sua comunicação mais expressiva. Ainda que cite os ODS, não esclarecem seus esforços com as metas da Agenda mundial, mas apenas citam os objetivos com os quais entendem contribuir, deixando de precisar seu empenho objetivamente.

A adoção de uma agenda sustentável pelas empresas, que assume metas e compromissos traduzíveis no âmbito ESG e faça interface com a Agenda 2030, quando comunicadas efetivamente, traz vantagens competitivas como melhora de reputação e imagem, ampliação de diálogo com seus públicos estratégicos e, especialmente, mais lucratividade. A tratativa da declaração de tais divulgações, no entanto, ultrapassa a condição da comunicação de uma organização como uma mera divulgadora, porque se faz necessária a versatilidade do legítimo diálogo com diferentes públicos. E não se trata apenas de comunicar para cada um deles sua disposição para a sustentabilidade, mas incluí-los na construção de um olhar sistêmico sobre a temática naquela realidade.

Quando a comunicação corporativa envolve os públicos da organização na construção de um raciocínio sistêmico sobre a realidade de suas agendas, a sociedade passa a fazer do seu posicionamento sustentável porque impacta e é impactada por ela.

Referências

ALLEDI FILHO, C.; QUELHAS, O. L. G.; SILVA, E. N. C.; RODRIGUEZ, M. **Melhoria Contínua baseada na capacidade de aprendizado da indústria de petróleo**: guia visual para implementação do ambiente do conhecimento. Revista Inteligência Empresarial, COPPE/UFRJ, n. 13, 2003.

BARBIERI, J. C.; CAJAZEIRA, J. E. R. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

CARVALHO, P.G.M. E BARCELLOS, F.C (2014). **Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - ODM: uma avaliação crítica**. In: Revista Sustentabilidade em Debate. Brasília, v. 5, n. 3, p. 222-244, set/dez. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/sust/article/viewFile/11176/8976>. Acesso em 7 de maio de 2022.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - CMMAD. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

COSTA, E.; FERZIN, N. B. **ESG (Environmental, Social and Corporate Governance) e a Comunicação: o Tripé da Sustentabilidade aplicado às organizações globalizadas**. Revista Alterjor, São Paulo, Ano 11, v. 24, n.2, Julho-Dezembro, 2021.

DESTAQUES ESG DA GOL, 2021. Disponível em: https://ri.voegol.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=53862. Acesso em 8 de maio de 2022.

ELKINGTON, John. **Triple bottom line revolution: reporting for the third millennium**. Australian CPA, v. 69, p. 75, 1994.

ELKINGTON, John. **Green Swans: The Coming Boom in Regenerative Capitalism**. Fast Company Press. 2020.

HULME, D. (2007) **The Making of the Millennium Development Goals: Human Development Meets Results- based Management in an Imperfect World. BWPI Working Paper**, 16 December 2007. Manchester: Institute for Development Policy and Management – University of

Manchester, UK, 2007. Disponível em: <http://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/773bwpi-wp-1607.pdf>. Acesso em 7 de maio de 2022.

ISENMANN, R.; BEY, C.; WELTER, M. Online reporting for sustainability issues. **Business Strategy and the Environment**, v. 16, p. 487-501, 2007. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1002/bse.597>. Acesso em 7 de maio de 2022.

RODRIGUEZ, M. A.; RICART, J. E.; SANCHEZ, P. **Sustainable development and sustainability of competitive advantage: a dynamic sustainable view of the firm.** [S.]: [S.e], 2002.

LAYRARGUES, P. P. **Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: evolução de um conceito.** [S.]: [S.e], 1997.

MARTINS, M. **A relação da divulgação das práticas ESG com o valor de mercado das empresas brasileiras de capital aberto.** Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OECD (1996) **Shaping the 21th Century: The Contribution of Development Co-operation** Development Assistance Committee. **DAC**, May, 1996. Disponível em: <http://www.oecd.org/dac/2508761.pdf>. Acesso em 7 de maio de 2022.

PAMPANELLI, A.; TRIVEDI, N.; FOUND, P. **The Green Factory: Creating Lean and Sustainable Manufacturing.** Productvity Press, 1 ed. August 2015.

RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DA NEOENERGIA, 2021. Disponível em: <https://ri.neoenergia.com/wp-content/uploads/sites/32/2022/04/RA-NEOENERGIA-2021-4abr.pdf>. Acesso em 8 de maio de 2022.

RELATÓRIO ANUAL DA NATURA&CO, 2021. Disponível em: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/67c3b7d4-64ea-4c2f-b380-6596a2ac2fbf/8af17a31-2f9f-56d6-aaa2-5b297c97512d?origin=1>. Acesso em 8 de maio de 2022.

RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE DANONE BRASIL, 2021. Disponível em <https://corporate.danone.com.br/relatorio-de-sustentabilidade>. Acesso em 8 de maio de 2022.

THE SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS REPORT, 2020. Disponível em: <https://sdgs.un.org/sites/default/files/2020-09/The-Sustainable-Development-Goals-Report-2020.pdf>. Acesso em 7 de maio de 2022.

UN. Road Map towards the implementation of the United Nations Millennium Declaration - Report of the Secretary-General, fifty-sixth session. New York: UN, 2001. Disponível em: <http://www.un.org/millenniumgoals/sgreport2001.pdf?OpenElement>. Acesso em 7 de maio de 2022.

UN System Task Team. **UN System Task Team on the Post-2015 UN Development Agenda – Review of the contributions of the MDG Agenda to foster development: Lessons for the post-2015 UN development agenda – Discussion**. New York: UN, 2012. Disponível em: http://www.un.org/millenniumgoals/pdf/mdg_assessment_Aug.pdf. Acesso em 7 de maio de 2022.

DADOS DA AUTORA

NATÁLIA DE CAMPOS TAMURA

(FCL) - *Doutora em Ciências da Comunicação pela USP, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, Especialista em Gestão da Comunicação, pela ECA/USP e Bacharel em Relações Públicas pela Faculdade Cásper Líbero. Pesquisadora e docente do curso de Relações Públicas na Faculdade Cásper Líbero e do MBA da Aberje também representa a Associação na Plataforma de Comunicação e Engajamento do Pacto Global, da ONU. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6548-0124>. E-mail: natalia-decampos@gmail.com*